

Wastenox

AL DO CRUZ PÔURO HAL DO 3º Ano 3º Ano 3º Ano 3º Ano 3º Ano 3º Ano JUL/80 JUL/80 JUL/80 JUL/80 JUL/80

10,00



editorial: a que será que se destina
debate: maconha
reportagem: entrevista c/prof. da poli
m.e.: informes
artaud e outros
micos de nycem

Yesterdays

RENATO
ROBERTO
VICTOR

"É claro que as minhas declarações foram as mais conservadoras possíveis. Isto é para que não pensem que o que eu digo é o contrário."

CONTRÁRIO DE
QUE?

Essa entrevista feita com o prof. Henrique Lindemberg, da Engenharia Civil dá a oportunidade de termos uma idéia de alguns de seus pensamentos acerca de problemas que a Universidade...

(BAIXO) NÍVEL DE ENSINO

O nível de ensino é razoável... em relação aos da minha época... na minha época se estudava mais... parece que estas últimas turmas vêm tendo mudanças curriculares... eles têm muitos créditos, muitas matérias a cumprir..., sobra pouco tempo para os estudos... e os livros... na minha época, a gente completava a aula pelos livros, hoje eles se satisfazem com as aulas... as apostilas são as mesmas do meu tempo...

(SUPER) - MERCADO DE TRABALHO

A perspectiva de mercado de trabalho não é das melhores, mas está melhorando... com a inflação grande, as pessoas vão querer comprar imóveis... o mercado esteve bem ruim nestes últimos tempos.

CONTINUAR O QUÊ? QUESTÃO DE VERBAS

O problema de verbas eu acho que é um problema sério, porque eu acho que a Universidade precisa continuar... se as verbas forem reduzidas a Universidade não pode cumprir seu papel social... a longo prazo os prejuízos podem ser grandes para o país. Por exemplo: os professores não são bem pagos. O engenheiro fora da Universidade é mais bem pago que o que trabalha na Universidade... é uma questão de ideal... Além dos salários serem baixos eles não são corrigidos conforme o aumento do custo de vida... e a cada ano o poder aquisitivo do salário é menor. → COMO É BRILHANTE ESSE LINDEMBERG (HIGIÊNICO)

Não sei... no meu departamento existe um conselho que discute a mudança de currículo...

C. O. N. J. U. N. T. O. S H. A. B. I. T. A. C. I. O. N. A. I. S

Eu prefiro não responder...

(EU PREFERI NÃO OUVIR)

G. R. E. V. E P. O. R. M. A. I. S V. E. R. B. A. S

Eu acho que não há clima para greve... Com relação ao restaurante eu acho que os alunos não têm condições de pagar a refeição, existem as bolsas. O COSEAS visita o aluno, em sua casa, e faz a entrevista... daí a ser subsidiada para todo mundo eu não concordo... Quanto a greve eu acho que é uma questão de personalidade... as pessoas que fazem engenharia são mais acomodadas... é uma coisa com que as pessoas nascem... O problema de classe social, eu não sei se existe diferença do pessoal daqui e o de outras escolas...

A E S T R U T U R A D A P O L I S E
R E L A C I O N A C O M A P E R S O N A L I D A D E

Eu acho que se esses problemas fossem levantados, a posição dos engenheiros seria muito mais acomodada. Eu acho que na realidade eles são muito mais acomodados. Em termos de participação, hoje é maior do que na minha época. Em relação a essa greve do CRUSP... não é um assunto assim tão importante... Quando eu estava cursando engenharia, houve meio dia de greve, eu não tinha aula à tarde, eu não eu nunca faltéi a aula para entrar em greve... (MAS A LUTA NÃO É SÓ DO CRUSP, MAS SIM PELA SUPLEMENTAÇÃO DE VERBAS PARA A USP). Eu acho que o clima na POLI para tirar coisas assim com um caráter muito geral não há...

E N S I N O P A G O

Eu acho que prás pessoas que não podem pagar se deveria manter o ensino gratuito... senão você vai tirar dessas pessoas a possibilidade de estudar... Agora, pros que podem pagar, poderia ser cobrado. Acho difícil fazer essa triagem...

A N O V A C A P I T A L

Eu acho que se tem dinheiro devia usar para melhorar a situação aqui... e uma nova capital não vai melhorar SÃO PAULO... Eu acho que já se devia ter tomado alguma atitude para fazer SÃO PAULO parar de crescer...

A IMPRENSA MARGINAL SUGERE TBRAPÍA HORMONAL

P R O J E T O S V I N D O S D O E X T E R I O R

Eu acho que a Engenharia Civil no BRASIL é muito boa. O resto da Engenharia eu não sei. O nível das pessoás... os alunos estão ficando cada vez mais inteligentes...

ENTÃO NO TEU TEMPO DEVIAM SER UMAS ANTAS.

fredinho:
saia desta
vida, meu filho!

Ass: Sua mãe que te
ama.

A Luta Continua

O recente boletim da "diretoria do DCE-livre", de "Junho 80", se propõe a ser a "forma de iniciar o balanço do movimento iniciado em janeiro (1)". O boletim começa com o título/palavra de ordem "A LUTA CONTINUA...". O discurso inicial é o "entendimento da natureza de nossa luta... apontado pela diretoria do DCE (1)" e, a partir daí, suas "três conclusões básicas (1)" e explicam que "já em Janeiro" hereticamente sós, levaram a frente uma "ampla campanha de denúncias e conscientização da crise da USP (1)" e graças a isso concluem: "conseguimos... implantar no conjunto da sociedade e, mesmo na universidade uma consciência acerca da... crise da USP e a natureza da crise... política desenvolvida pelo governo em relação à educação (1)...". Dentre da comunidade universitária, isso permitiu um contato mais estreito entre DCE-ADUSP-ASUSP (3) e "Do mesmo modo (que defendiam essa campanha de denúncias) combatemos a perspectiva imediata da greve, pois não acreditávamos em sua eficácia... Mais ainda... a greve deveria ser apontada como uma... dinamização de um amplo movimento... das três universidades públicas... com... participação efetiva de professores, funcionários e amplos setores da população (2 e 3)"

QUER DIZER: em início se é contra a greve, só podendo entendê-la como desfecho monumental a toda uma organização social de apoio... de outro lado se diz que se fez um trabalho excepcional de conscientização e organização... Se coloca a perspectiva da greve tão longe que não valeria a pena nem cuti-la nesse instante.

Portém, "entendendo que o movimento nas escolas estava relativamente parado... percebemos a necessidade de uma proposta que sacudisse o movimento... Foi com esse objetivo que apresentamos a proposta de greve... Desfogadura a greve geral fomos os primeiros a encaminhá-la nas escolas... conseguimos paralisar 95% da Universidade (5)".

POR FIM quando eles, mais ou menos de repente, apresentaram a proposta de greve não foi dentro de entendimento que eles fizessem, antes sim, exatamente no contrário - devido a desmobилиização. Apesar disso, a greve saiu.

Em continuidade a diretoria do DCE, como não poderia deixar de ser, isola "na outra margem do movimento... os colegas que sistematicamente investiam contra o eixo central da luta (suplementação) priorizando o que foi definido como secundário (restaurante)... para

tavam a greve como única forma de luta" (2)...

ISSO É MENTIRAS! Na 12 Assembléia Geral Universitária, tirou o pano de fundo, o eixo central, do movimento: PELA TENSÃO PÚBLICO E GRANDE! MAIS VERBAS PARA A USP! e se tiveram também as reivindicações que concretizaram esse eixo: suplementação de verbas; reabertura de restaurante com 75% sob controle do QCSBAS e a saída do RONDON dos 1º e 2º andares de Bloco A1 com prioridade...

Mas continuando: se no momento em que a greve foi aprovada a diretoria do DCE apresentou a proposta de "greve em dias determinados... (a Assembléia deu ganho de causa) a proposta de greve por tempo indeterminado (5)".

No início, para esses colegas (que defendiam a greve por tempo indeterminado) a greve é a "única coisa que funciona", depois, "já fizemos tudo e só nos resta a greve"... E DEPOIS DA GREVE?... Naturalmente... esses colegas vão se esforçar para encontrar o bode espiatório de plantão para explicar o porquê ainda não fomos totalmente vitoriosos. No ano passado, foram as diretorias dos centros acadêmicos. Este ano, quem sabe foi a poderosa diretoria do DCE... (2)".

JOGANDO RCTA a diretoria do DCE tenta ridicularizar os motivos pelos quais os companheiros que defendiam a greve alegam que atrapalharam a continuidade da greve... Porém, a diretoria do DCE - no mesmo boletim - coloca que:

"as primeiras assembleias aprovaram todas as propostas da diretoria para que o movimento acumulasse forças e permitisse sustentar uma luta prolongada até a vitória" (2). E se utilizando indevidamente do bode espiatório que pouco depois ridicularizariam diz que: "foram cometidos... erros... os Centros Acadêmicos pouco fizeram para aprofundá-la e deslinhá-la (os passos da política definida pela diretoria do DCE) (2)". E inclusive quando propõe a greve é "em função do não encaminhamento das decisões do MDP (1)" nos CAs. E para não perder o jeito, culpan pelo esvaziamento da greve... e que eles esvaziaram o paralismo entre o Comando de Causas e o DCE "tentativa de dividir e enfraquecer nossa unidade única", sem perceber que foram eles que, tendo esse entendimento, fizeram tudo para malhar o Comando (onde eles participavam e, inclusive, dirigiam as reuniões). E dizem ainda que "a greve... agravada pelas invasões dos restaurantes e pela invasão do XI do agosto... provocou a divisão da comunidade

DESTEIRAS! Cra, antes de definida a greve, foram as invasões dos restaurantes - principalmente - o que contribuiu para agilizar a mobilização e evidentemente onde mais houve invasões é que se avançou mais na unificação entre professores, funcionários e estudantes.

Quanto ao XI de agosto - a invasão que não aconteceu - é exato que, novamente é correto invadir os papéis definidos pelo boletim, quando elas afirmam que "alguns grupos realizaram todo um trabalho de 'quebração' da diretoria do DCE... que, getos de 'palego' 'monobloco'... procuram romper a unidade do movimento... com objetivos claramente eleitorais" (4). A posição deles em relação às pessoas que supostamente invadiram São Francisco foi de isolá-las e queimar, inclusive utilizando da manchete montada na Folha de São Paulo para defender a volta às aulas... A final, que interesses defendem aí, a todo momento defendendo o reitor e denunciando estudantes que cometeram decisões de Assembléia... Certamente não querem perder o aliado oficial que decreta a oficialização ad eternum - num dos representantes discentes no Conselho Universitário, de resto tudo a mesma coisa...

E por fim a questão fica no ar quando eles propõem LUTA ATÉ A VITÓRIA! A gente sabe que a luta é contínua... Mas de que luta eles falam? E até que vitória?...

Xaveco



Eloiza

CASA DE ESTUDANTES: SOBRETUDO UM MELHOR VIVER (2)

fredi:
Quinta as
pontas.
Ass. Oliveira

"As Casas não devem se isolar das demais organizações. A discussão acerca das questões sobre moradia precisa ser levada de maneira mais ampla — em conjunto com outros setores da sociedade." (Relatório da II Reunião da Secretaria Nacional de Casas de Estudantes - 06 de junho de 1980 - Rio de Janeiro)

Ao debruçarmos sobre a sociedade deparamos com uma série de problemas. As Universidades atravessam uma fase negra, criadas a esmo, oferecem um ensino precário e caro. Em seus planos nem de longe se vê a possibilidade de propiciar ao estudante as mínimas condições de aprendizado. Dentro desta crise nos colocamos, com afinco, na luta pelo ENSINO PÚBLICO E GRATUITO, exigindo que o Estado assuma o que é de sua obrigação: EDUCAÇÃO — laboratório, restaurante, biblioteca, moradia, melhores salários para os professores e funcionários... Hoje as Casas encontram-se em dificuldades econômico-financeiras, pois a inflação mais do que nunca assola o país, esmagando a maioria dos brasileiros, parecendo brincadeiras, mas ainda teimam em manter o "milagre" falido.

As receitas são insuficientes para cobrir as despesas das Casas, em virtude do não auxílio do Governo, onerando os moradores.

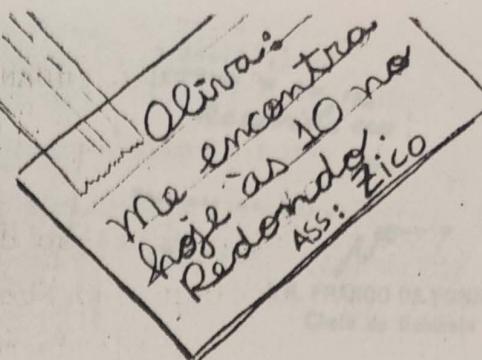
É preciso fazer com que as nossas reivindicações sejam atendidas, mas é necessário aglutinarmo-nos aos outros movimentos da sociedade, que agora se organizam para obter dos que detém o poder: o que nos pertence. Moradia para todos.

"Acho que o espirito da gente é cavalo que escolhe estrada; quando rumá para tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom."

(JOÃO GUIMARÃES ROSA - GRANDE SERTÃO: VEREDAS)

CARTA AOS REITORES DAS UNIVERSIDADES EUROPÉIAS

Senhor Reitor:



Na estreita cisterna que chamais "Pensamento" os raios do espírito apodrecem como montes de palha.

Basta de jogos de palavras, de artifícios de sintaxe, de malabarismos formais; precisamos encontrar — agora — a grande Leido coração, a Lei que não seja uma Lei, uma prisão, senão um guia para o espírito perdido em seu próprio labirinto. Além daquilo que a ciência jamais poderá alcançar, ali onde os raios da razão se quebram contra as nuvens, esse labirinto existe, núcleo para o qual convergem todas as forças do ser, as últimas nervuras do Espírito. Nesse dédalo de muralhas mohandas e sempre transladas, fora de todas as formas conhecidas de pensamento, nosso Espírito se agita, espreitando seus mais secretos e espontâneos movimentos, esses que tem um caráter de revelação, esse ar de vindo de outras partes, de caído do céu.

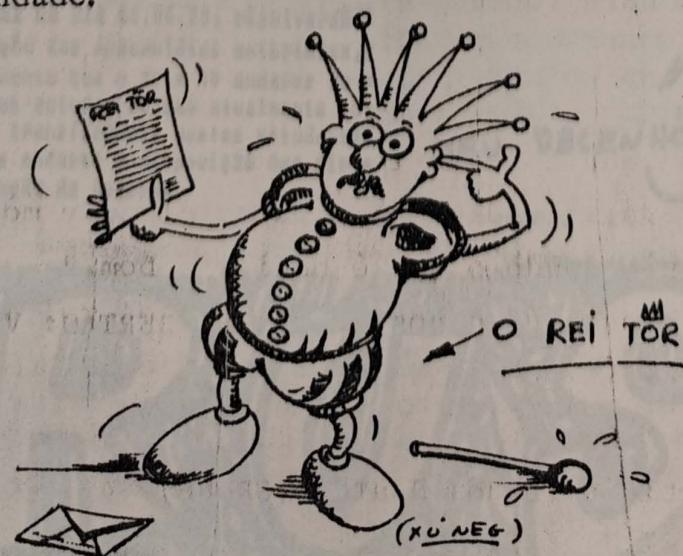
Porém a raça dos profetas está extinta. A Europa se cristaliza, se mumifica lentamente dentro das ataduras de suas fronteiras, de suas fábricas, de seus tribunais, de suas Universidades. O Espírito "gelado" range entre as lâminas minerais que o oprimem. E a culpa é de vossos sistemas embolorados, de vossa lógica de dois-e-dois-são-quatro; a culpa é vossa, Reitores, apanhados na rede dos silogismos. Fabricais engenheiros, magistrados, médicos a quem escapam os verdadeiros mistérios do corpo, as leis cósmicas do ser; falsos sábios, cegos para o além, filósofos que pretendem reconstruir o Espírito. O menor ato de criação espontânea constitui um mundo mais complexo e mais revelador que qualquer sistema metafísico.

Deixai-nos, pois, Senhores; sois tão somente usurpadores. Com que direito pretendéis canalizar a inteligência e dar diplomas de Espírito?

Nada sabeis do Espírito, ignorais suas maisocultas e essências ramificações, essas pegadas fósseis, tão próximas de nossas próprias origens, esses rastros que às vezes logramos localizar nos jazigos mais escuros de nosso cérebro.

Em nome de vossa própria lógica, vos dizemos: a vida empesta, senhores. Contemplai por um instante vossos rostos, e considerai vossos produtos. Através das penas de vossos diplomas, passa uma juventude cansada, perdida. Sois a praga de um mundo, Senhores, e boa sorte para esse mundo, mas que pelo menos não se acredite à testa da humanidade.

A. Artaud



Ao Magnífico Reitor da
Universidade de São Paulo
Profº Valdir Muniz Oliva

Ref.: Moradia Estudantil

J. R. FRANCO DA FONSECA
Chefe de Gabinete

Os moradores do CRUSP, estudantes earentes, particularmente neste ano de 1980, várias vezes entraram em contato com representantes da Reitoria, numa tentativa e com a esperança de que esta Administração tenha um real interesse em resolver os problemas mais prementes à respeito da moradia estudantil.

No decorrer desses contatos, a situação foi evoluindo e aqui, neste documento, gostaríamos de nos ater ao resultado das últimas negociações, resultado que é uma proposta conjunta, com a iniciativa dada pelo Prof. Fonseca e a nudez da Comissão dos Moradores do CRUSP, no sentido de remanejamento dos estudantes estrangeiros do 3º e 4º andares do Bloco A para apartamentos vagos do Bloco F, e que obriga as ambas as partes a algumas atitudes no sentido da viabilizar esta proposta.

Uma semana após a primeira reunião, da qual saiu a proposta em questão, no dia estipulado pelo Prof. Fonseca, a Comissão dos Moradores do CRUSP e do BEE-LIVRE "Alexandre Vassuhi Leme" compareceu novamente à Reitoria e, em contato com o Prof. Fonseca, percebeu que o encaminhamento da proposta sequer havia sido iniciado.

Novas conversações, novas palavras foram firmadas, sendo marcada uma reunião entre a Comissão e o Prof. Fonseca, na qual seria dada aos estudantes uma resposta efetiva.

Por duas vezes, não, moradores do CRUSP, sem cesar de visitar a Reitoria e em nenhuma das vezes conseguiram sequer ser atendidos pelo Prof. Fonseca que, alegando motivo de ferga maior, não nos recebeu.

Não queremos considerar que esta Administração não pretende nos levar a sério. Não queremos deixar de acreditar que existe boa fé por parte da Reitoria em respeitar os problemas mais imediatos com respeito à moradia estudantil, problemas que dificultam não apenas o bom aproveitamento essencial como exigiu a possibilidade de se desenvolver uma vida saudável; uma vez que, como parte da proposta conjunta nem mesmo a limpeza da calha d'água foi providenciada, que se encontra em condições lamentáveis, fornecendo água da pior qualidade para todas as dependências.

Nesse sentido e com o objetivo de facilitar a viabilização da Reforma dos 1º e 2º andares, os moradores do CRUSP, em Assembleia realizada no dia 06.06.80, resolveram a continuáre mantendo a orientação das Assembleias anteriores, decidiram que a partir do momento que os 3º e 4º andares forem entregues à disposição dos estudantes que atualmente se alojam no 1º e 2º andares, a transferência destes estudantes será imediata, deixando estes andares à disposição das firmas empreiteiras para a execução da Reforma.

Na mesma Assembleia também foi decidido que enquanto os moradores não se transferirem para os 3º e 4º andares e dada a necessidade de realização de vistoria por parte das Firms Emprateiras as chaves permanecerão sob a responsabilidade de uma Comissão de Moradores que acompanhará as Firms na realização da vistoria.

Com relação ao Bloco F, onde as condições da moradia são precárias (o que não impede de estar sendo habitada), à medida que a Reitoria não possui um plano de restauração a curto prazo, os moradores do CRUSP reivindicam material hidráulico, elétrico e madeiramento necessários à intauração de uma infra-estrutura básica.

Os moradores do CRUSP, persistindo em sua boa fé, reiteradamente solicitaram novo encontro com o Prof. Fonseca, no dia 30.06., quando foi decidido que o processo de reforma deverá ser agilizado pelo FUNDUSP o mais rápido possível, à medida que o tempo propício é o período de férias.

Com respeito ao exposto, não, moradores do CRUSP, decidimos em Assembleia realizada no dia 30.06.80, que o prazo estabelecido para o início da Reforma (dia 10.07), é o tempo necessário para que a Reitoria manifeste sua vontade no sentido de atender nossas justas reivindicações.

Consideramos que se este prazo não for cumprido, o crédito dado por nós, estudantes necessitados, a esta Administração foi em vão, e que nos levará a tomar outras atitudes para solucionar nossos problemas mais essenciais, uma vez que não temos outra alternativa, impossibilitados que somos de arcar financeiramente com nossa moradia.

5

M.T.

P: Referimento:

São Paulo, 01.07.80

MORADORES DO CRUSP

MEU DESENHO TA' TODO CORTADO!

ESPINHO (BO)

CRUSP

ao leitor: este é outro artigo acerca das questões sobre a Universidade — o assunto de hoje: MORADIA ESTUDANTIL. Obtivemos algumas informações e as publicamos na íntegra, abrindo um campo de debate, proposta deste JORNAL; assim como do CRUSP — um espaço de vivência do estudante!

"Trata-se de uma reivindicação justa e necessária dos estudantes. Ao tempo que torna facilitada a permanência de alunos provindos de outras cidades, ou mesmo residentes em zonas afastadas da capital, no Campus Universitário, é mais um fator que irá determinar, em muitos casos, a própria possibilidade de o aluno continuar cursando a Universidade. Também é, por outro lado, obrigação do Estado prover os estudantes de escolas públicas, de condições favoráveis a continuidade dos estudos." (OSMAR — CIÊNCIAS SOCIAIS)

"É uma necessidade de uma boa parcela dos estudantes. Necessidade do ponto de vista econômico-financeiro, além de propiciar uma "vivência estudantil". Acrescente-se o fato da moradia estudantil ser uma conquista a ser assegurada." (ROGÉRIO — HISTÓRIA)

"É de vital importância a moradia dentro da Universidade, e deve ser destinada a estudantes carentes, qualquer que seja sua posição ideológica e etc. Os estudantes que precisam de moradia devem se sentir à vontade nesta escolha, não deveria existir por parte de grupos já engajados no CRUSP a cobrança de atitudes e participação, dentro de idéias já estipuladas. A moradia é um direito conquistado pelos estudantes, deve ser aberta e democrática, oferecendo condições de alojamento e alimentação decentes." (ELISABETE — FÍSICA)

"A moradia estudantil no campus universitário é dever e obrigação do Estado, enquanto instituição que deve arcar com os custos da Educação. A grande maioria da população paga impostos para tê-los revertidos no atendimento de suas necessidades. O Ensino Público e Gratuito se coloca como uma dessas necessidades básicas. Junto com ele vem toda uma rede assistencial ao estudante (restaurante, atendimento médico, etc) onde a moradia é um dos aspectos. No caso específico da USP cabe aos alunos, em conjunto com a comunidade universitária, exigir do governo as verbas para reformá-los e adequá-los à moradia. Por outro lado, cabe à Universidade a administração geral dos blocos (limpeza, manutenção, etc) destinados à moradia, enquanto os estatutos da moradia devem ser estabelecidos pelos próprios estudantes, definindo critérios para moradia, regimento da moradia, obrigações coletivas, etc." (PAULO — FAU)

"A moradia estudantil no campus é de grande utilidade principalmente para os colegas provenientes do interior e que residem na periferia da cidade. Pois os mesmos além de evitarem transtornos tais como: condução, tempo perdido e altos preços das repúblicas e pensões. Poderão participar mais ativamente da comunidade universitária. Com isso; a direção da Universidade deve dar todo o apoio a moradia no campus, fornecendo infra-estrutura adequada como: manutenção e conservação dos prédios." (JOÃO RICARDO — QUÍMICA)

"a-Experiência", de Mário
Astolfo
"Escritos", Jacques Lacan.
5) "Eros e Civilização", Marcuse
6) "Um Lance de Dados", Mallarmé

- 7) Tudo de Artaud, Kropotkin, Fou
rier, Bakunin, Breton, Rimbaud
e Laforgue
8) Todos os textos críticos de Le
zama Lima, sobretudo "Paradiso"

- 9) "Catatau", Paulo Leminski
10) "Fragmentos de um Discurso A
moroso", de Roland Barthes
(Pra este mês tá bom. Do jornal?
Óbvio: só a coluna do Paulo Fran
cis)

ESTÃO COMETENDO UM ASSASSINATO CULTURAL

Foi dessa forma que Zé Celso e Moilton, do Oficina 5º tempo, interromperam um final de Assembléia da Embrafilme, no Rio. Um Assembléia de acionistas e eles não são acionistas. Como se chegou a essa situação? Que assassinato foi esse?.. Bem, a novela é longa. Vamos ver a penas um sinopse dos últimos capítulos.

Em 1968 o grupo Oficina montou a peça de Oswald de Andrade, "O Rei da Vela". Desde lá tenta-se passar a peça para o cinema. Em 1974 o Zé Celso é preso, numa batida que deram no teatro, e depois foi exilado à França. As cópias do filme foram enviadas antes por medidas de segurança, pois se receava que a polícia tentasse destruí-lo. Em 1978, agosto, Zé Celso volta ao Brasil e tenta retomar o trabalho que deixara. As cópias do filme, que se encontravam retidas na Embaixada do Brasil, em Paris, chegam em Br

sília em 1980. A essa altura o campeonato Moilton, ex-presidente da ABD (Associação Brasileira de Documentaristas) já está na mesma estrada, e junto com o Zé, batalham a liberação do filme. Cópias do filme aqui, teóricamente liberado... Zé e Moilton pedem a Embra, 3 milhões para que em dois meses o filme pudesse já chegar ao público. A grana voltaria a Embra via bilheteria do próprio filme. Isso foi em abril/80. No dia 28 eles chegaram ao Rio para receber a resposta de Celso Amorim, diretor-geral da Embra. Lá distribuem o telex, que haviam enviado para o Celso, para os trabalhadores da Embra... A resposta de Celso Amorim é clara: Não. No dia seguinte ao da Assembléia, volta-se ao inicio. Eles conseguem arrancar 300 mil cruzeiros, o que já vai dar para manter o filme andando... porém, longe do público. Quando a um mês atrás se realizou o Seminá

rio Nacional de Censura, o Oficina solto um manifesto de não apoio, onde eles dizem: "ESTA INICIATIVA (o seminário) NA VERDADE VISA ENCONTRAR A FORMA ATUAL DE CENSURA VIGENTE, A ECONÔMICA: SOBRE AS FORÇAS PRODUÇÃO".

Hoje a ditadura, de uma forma discreta, quase educada, nos nega o direito de assistir "O REI DA VELA". Hoje o Zé e o Moilton perceberam que a liberação d'"O REI DA VELA" não é uma luta só deles, na medida que se coloca ao lado da luta dos metalúrgicos, quando ambos, ao mesmo tempo, estão sendo objeto de repressão da ditadura. E agora mais que nunca, é hora de se quebrar padrão, e quebrar padrão é quebrar padrão. "O REI DA VELA" está aí para quebrar os padrões da ditadura. XAVECO

A maximização paranóica do ego, segundo Freud, refletia a aleluia. A aleluia dos judeus que esperam o messias. Os judeus são paranóicos. Os cristãos idem. Os marxistas são divindades. E há templos para todos. Todos serão lembrados. Segundo Freud, o qual não conheço e, cuja obra me chegou de terceiros, alguma coisa acontecia em nós quando criança. Alguma coisa.

Alguma coisa que não acontece mais. Pagamos pelo que já esquecemos. Herr Marcuse? Nossa culpa nos livra do tédio. Herr Marcuse, minha vida sei lá. Eu sou jovem Herr Marcuse. Meus cabelos estão todos de um lado do pescoço. Minha cabeça pendente.

Eu sou jovem Herr. Quero o prazer. Eu sou jovem monotonia. Sei lá, sei lá..... Herr Marcuse, e se eu me matasse, hein?

Brê:

Mamãe me escreveu. Acho que
vou desistir
Ass, seu Fred.

dia América, aqui fala o alucinado Juvenal Neto

Mais um jornal (CRA, FOMBAS! - CADOC), legal! - Deus salve os universitários da América, rica América, cara América, cara América. Sabe-se lá a marca do cabresto que os dirigem, limitam, dis-persam, desviam, doutrinam, fanatizam ou obscurecem, mas não importa saber, é um jornal, temos que dar força, pois sei que pelo menos tem um cara que pensa em seu bojo (Roberto) - não conheço os outros - e um jornal que tenha pelo menos um cara que pensa vale a pena, merece existir e seja o que for, ter meu apoio.

Todos os que têm as antenas ligadas sabem da atual retração do Movimento Autofágico neste início sombrio (e assombroso) de década, depois dos doloridos mas necessários expurgos que teve que fazer, para sobreviver com saúde, no final dos turbulentos 70. Todos os que estão atentos, digo, verdadeiramente atentos ao que ocorre em nosso rincão terceiromundano, sabem, igualmente, que o Movimento Autofágico é o único movimento artístico com amplitude oswaldiana desde o maravilhoso "boon" concretista dos fins de 50, início dos 60. Mas, não temos que cuidar tanto de nossas paredes e fronteiras. O negócio, turma, é costurar, - conspirar!

Basta de molecagem. Que não dá pra levar a sério a moçada massante que vive dando uma de sério é arquisabido, mas é papo da década que, ufa!, já se foi... Agora, a práticas é outra: reuniões, melhores táticas, complôs mais cuidados, consistência e organização. Chega de lamúrias. O verdadeiro espírito social-anarquista requer disposição, luta, organização - parece contraditório mas não é - enfim, trabalho, trabalho! Deixar o delírio para a tradicional e oficial esquerda esclerosada de nosso torrãozinho terceiromundano. Temos que perturbar, - mas, atenção: com eficiência. No CRUSP e nas moradias estudantis de todo o país vai o conselho: em cada quarto, uma conspiração; em cada andar, um complô; quanto -

mais vanguardas auto-pensantes, melhor, entenderam? Ou será que tenho que fazer uma exposição didática à la Paulo Freire pra vocês sacarem?

Perturbar, repito. Chega de gracinhas óbvias, lamúrias e mais ceticismo. Bastou a overdose do fim dos 70. Vigor e Rigor, é a narco-paundiana palavra de ordem. O resto é piedade, solidariedade humana, secretaria de cultura e comiserações maiores. Se sobram truques que ainda botam fé nos responsabilíssimos e edificantes meninos de Moscou, ou nos aformigados macistas, ou nos clericais albaneses, ou no meta-delírio libilóide, que fazer? a burrice é irreversível, mas isso não quer dizer que nós também tenhamos que pensar em ritmo de tartaruga, vamos em frenete, o que importa é qualidade...

Se os sacripantas chorarem, - berrarem, grunhirem, damos o dia das mães para alegrar os netinhos da gigantesca vovó que tanto zela pelo Afeganistão e outros paísesinhos indefesos; e o primeiro de maio para aliviar os irriquietos eguinhas albaneses que adoram emparedar operários afoitos e apressados... mas é uma parede humana...

Mas, nos outros 363 dias, paúneles e seus aliados direitistas! E para ser franco - atenção sofistas: franco e não franquista - a até que não temos tão pouca gente não. Não há razão pra pessimismo. Temos gente séria, digo, verdadeiramente séria e não com a "seriosidade" histórica-histérica. E muita: no cinema, Sganzerla (nada mais pertinente e genial que o transcontinental "Abismu"), Joel Barcellos (autor do boicotado pela incompetente crítica jornalística, mas, incrível "Paraíso no Inferno"). Na poesia, temos os impecáveis irmãos Campos, Leminski, Pawel, Valdir Peyceré, eu mesmo e alguns outros gatos pingados que têm o pudor de fazer poemas e não conchavinhos no mais provinciano jet set do mundo: o da micro ou macro burguesia nacional seminfla-betizada e metida a culta, e que

tem mais problemas psicológicos - pequenoburgueses que a Malu Mu-lher, mas pouca de eloquentes agitadores catalães na imprensa oficial e nos debates instituídos por pragmáticas secretarias de estado ou município. Admito que às vezes aparece, nestes meandros, gente boa pra uma noite e é por isso que concedo um "perdãozinho histéricas!".

No teatro, nada, pois, infelizmente, minhas peças continuam inéditas. Me recuso a ceitar produtores sem um grau mínimo de dignidade que não cabe em crise econômica tupiniquim. Mas ninguém perde por esperar um bocadito mais. En quanto isso, boicote absoluto aos prostitutos palcos deste massante e engracadinho mercado. A pequena burguesia carente de leveza na consciência que se esfola pagando os tubos pra ver a pasmaceira rebolante e que saía satisfeita dando arrotos de ignorância e estultice... Mas na música temos pelo menos Walter Franco, Willi Correa de Oliveira, Gilberto Mendes, Osvaldo Luiz Fagnani e outros que ainda não captei. Ah, ia esquecendo, temos o Arrigo, um restinho do fôlego caetânico, que mais? Nas artes plásticas neca, mas na fotografia, Afonso Roperto, Leo Kocinas, Peyceré (o polivalente Valdir) e outros da mesma estirpe rebelde e re-criativa. Enfim, muita gente que não tem estômago para viver à sombra sombra (redundar é preciso em país de desatentos, por isso é que ainda se usa a forma "besta humana") dos PTs, PMDBs e outras fabriquetas de iludir trouxas tupiniquins para enriquecer caciques e pajés mitológicos. Gente que produz e pensa. E, o que é o mais importante e fundamental: não faz concessões!

JUVENAL NETO, 17/05/1980

P.S.: Dicas pra fazer a cabeça - e sem publicidade de editoras:-
1) "A Morte Organizada", de Luiz Carlos Maciel
2) "Corriente Alterna" de Octávio Iaz

empre haverá o marco

Nem que seja de estrela e céu puro

Sempre haverá

No presente e no futuro

No seu coração tem que haver o que eu procuro

A flor e o vento são sementes

de entes eternos

Somos asas do pássaro mitilado

mas somos o sonho

do vôo.

Nesse quarto
estão trançados espaços
pinga
sons
pessoas
paz, guerras, palha-
em umas nuvens e a lua

é madrugada

na janela aberta

é mostra uma sala escura e vazia

jora uns vultos, sombras,

parece que estão dançando

corpos, um copo, uma mão

em buscar um pouco de céu

rá comemorar alguma vida

scida do movimento

os corpos.

2

Nesta manhã de muito sol

Vou passear por aí

Vou tentar descobrir

algum cheiro, algum rastro

Nesta manhã de verão

os navios vão partir

por águas estranhas

à procura de algum mastro

Eu, capitão desse barco,

olha do o céu da manhã

bebo mais uma cerveja.

MEDO GRIAR

O significado do algo novo é a nova significação musicada do ru do universalista, colorindo a ex centricidade do nada, no parecer do ser parado na sensível - o pluma maculada de estruturalismo. Do intróito com posto na precisa composição do inconsciente automático, surgindo da vontade de levar a compissão aos limites extremos entre a loucura libertina-libertária e a embaracada compostura da livre arte na necessidade artística da liberdade. Momento preciso do algo novo que envolve e que não se pode recusar senão ante a exigência histórica pragmática e carir em vagos discursos sobre o lugar-comum abstracionista: a necessidade

assassinou

a

música!



sária fragmentação fluente da decisão de voltar à vida fluida.

Desde o surgimento contagiano da natureza inovatista, momento histórico universal - o reggae ocidentalizado massifica-se e sobrevive semi-apático à aculturação ocidental -, a negra que nega a nuvem nuclear nascente da natureza nefelibata impõe-se sobre o curso da criação de uma novidade: o unívoco pelo pré-conceito; a escória contida na história; imaginar o marginal produzindo a sensação rítmica da poesia transcendental.

O homem tem significado no ato de criar o momento propício para o engajamento interior do seu individualismo de caráter universalista. Por quanto se queira gritar contradições, Arrigo Barnabé é móbido porque todos se atemorizam ante a tétrica idéia da morte, sen

do a realidade científica metodologicamente incoerente à manutenção do status-quo artístico-musical. E levar, dentro dos momentos ritmicos cotidianamente confusos - exigência de princípios imprevisíveis a compreensão saturada de musicalidade carente de harmonizações elaboradas a contento -, o neo-urbano dodecafônico relatando o anseio individual da insatisfação aos modos gastos pela repetição musical de caráter massificante, a transportar ao coletivo crítico e exigente uma nova concepção de explosiva sonoridade rítmica.

Repartir com o mundo - mudo, cego, surdo e hediondo - a porção

Quem aprendeu a curtir Orlando Silva, Silvio Caldas, Orestes Barbosa? Poucos (do público jovem que conheço) responderão positivas tanto mais dirão estar em João Gilberto o Hendrix da bossa-nova, assim como Wagner arrancou as últimas razões de ser do sistema tonal.

Do popular ao erudito, da afirmação no conflito, do dito pelo não dito Arrigo cria o agressivo, encarna o marginal e o maldito. Novo contexto urbano-academicista, a temperada procura de transformar o real: da FAU o gosto pela utilização do espaço inteligente e a insatisfação. "O melhor lugar do mundo

é aqui e agora" guinada 360, longe da 'deep bad trip': o gosto do pudim está em se achar! ECA...ECA...ECA!

Próxima parada: 1979, TV Cultura, Festival Universitário,

Paulo

"da feia fumaça que sobe a pagando as estrelas, eu ouço surgir teus poetas de campos e espaços..."

- reivindicando o novo, dias, aplausos, assobios indefinidos, a dança contagiente, o júri dividido. É "Diversões Eletrônicas" tresvariando concepções de mundo artístico, injuriando o questionamento artístico-musical, desvairando o gosto linear

da massa:

uma Schoenberg, Schoenberg,

Schoenberg - inventar-nos a libertação revolucionária do sistema tonal - sublinhe nossa dança de tercinas extasiadas, cante os segredos da inversão, escandalize o sistema de módulos para podermos evoluir na mesma esfera sensível de compreensão! Faça os ouvidos perdidos do mundo distante dos contextos diacrônicos da memória - obterem certo "Instante" de "Orgasmo Total".

Agradecimentos não são, as vezes, dispensáveis: de um lado o concretista-surreal, do outro a do decafonia: "Im anfang war die tat" do quadrado branco ao branco do quadro, ao quadro em branco, no limite do não ou do nada são - verso e reverso da mesma moeda - bifurcação necessária e o neo-urbanismo vê aflorar um "terrível monstro mítante, meio homem, meio réptil, vítima de um poderoso laboratório multinacional" ...

mágica da vícera musical de escárnios incontidos:

Duchamp, Duchamp, Duchamp - conceção revolucionária da criação artística - aquilo que vi e ouvi, "com olhos de passarinho", transcende-me a vição surrealista da criação.

"The proof of the pudding is in the eating", dir-me-á irônico. "São os limites de transição de uma nova era: ovo/novelo-novo/no/velho", acrescentarei perplexo.

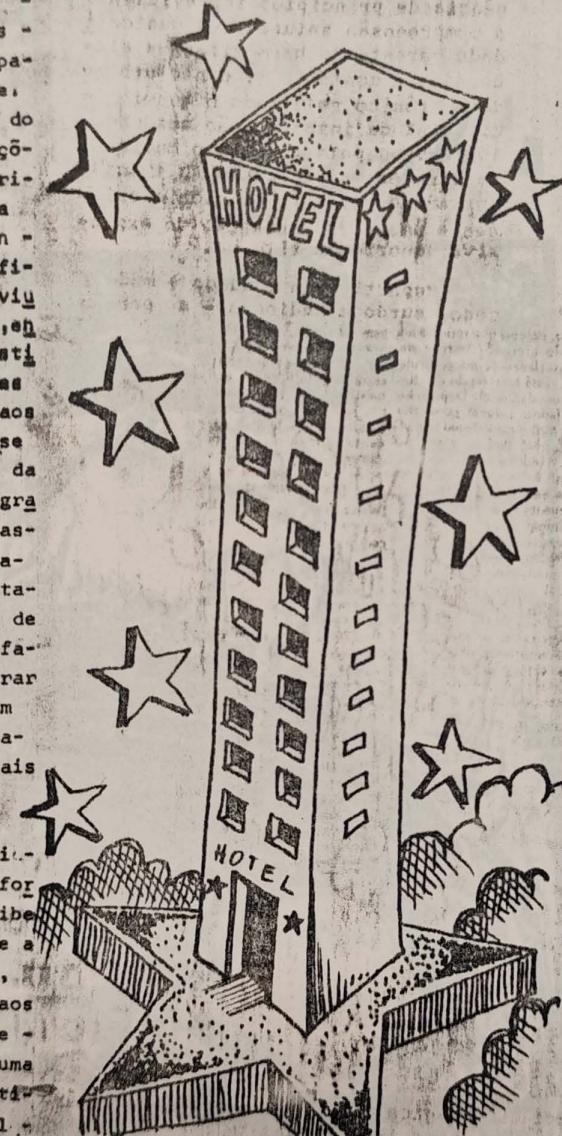
Ruptura musical no tempo-espacó!

No início, somente "Lástima" - a tal parceria provinciana da loucura incontida e uma nova concepção estética do belo musical. Um "Sabor de Veneno" pairando, de 72/73, na tão provinciana Londrina... Pequena demais para meus anseios, pequena demais para os anseios de qualquer um, pequena demais...

Estudantes que participaram da retomada do Conjunto Residencial da USP -CRUSP- gabam-se de morar no melhor bairro de São Paulo, embora não exatamente nas melhores residências. É um fato. Outro fato é que a Universidade de São Paulo além de centro de produção de cultura tornou-se hoje um concorrido local de lazer, com seus gramados tomados nos fins de semana por hordas de jogadores de futebol, carrocinhas de cachorro quente, picolé, coopeiros das mais variadas idades e bairras. Muita gente afirma que só assim a Universidade cumpre o seu papel, ou seja, servir a comunidade. Maldade, mas com o esvaziamento do corpo docente -devido a perseguições políticas ou achatamento salarial- a cultura passou a ser gerada em círculos marginais, independentes e não necessariamente científicos. Desse modo, a universidade viu-se literalmente jogada às praças, enquanto condutora de pesquisas destinadas a aprimorar nossas condições materiais e intelectuais para, aos sábados e domingos, transformar-se numa imensa e tranquila praça da nossa infância. Com a supressão gradual das áreas verdes, a USP passou a ser um dos poucos espaços abertos -gratuitos- onde o paulistano classe média, tipo um quarto de tanque de gasoza, pode ir com a família, ou com a namorada, relembrar o tempo em que as praças não eram cercadas ou infestadas de marginais. As crianças tomam sol, os pais fazem sanduiches.

A noite a paisagem se modifica: a cidade universitária transforma-se num enorme Drive-in que exibe o movimento dos astros celestes e a paciência inabalável do arvoredo, que gentilmente cede sua sombra aos casaizinhos ardentes que se espremem entre o volante e o câmbio, uma síntese que o materialismo dialético deve explicar, mas que de qualquer forma confirma as palavras de Jerry Rubin, um filósofo louco da Califórnia, que em 66 afirmava que o carro era essencial para que a revolução sexual se concretizasse.

A madrugada traz novos personagens à democrática Instituição: as famílias já retornaram ao aconchego do lar, com suas bexigas estouradas (essas coloridas, de plástico, é claro), os namoradinhos já estão evidentemente namorados, retiram-se; repentinamente o circuito em volta da fonte luminosa é assaltado por poderosas máquinas, de urros lancinantes



de automóvel. Um dos protagonistas desse Grand Prix doméstico, que preferiu não se identificar para livrar-se da "pesada multa" que o DSV prometeu para quem cultivasse o hábito, é cha uma grande sacanagem terem colocado obstáculos em torno do relógio central, "pista melhor que a de Interlagos" e reclamou da ignorância dos que protestam contra a prática dos "rachas": "de onde saem os grandes pilotos do mundo? Pode creer que não começam nos autódromos, começam a correr na rua, até da Polícia".

No começo parece que a Polícia é que corria deles, pois circulavam

histórias de que entre os cultores da velocidade figuravam filhos de gente importante, que tinham o poder de esfriar, com uma simples ameaça, o ânimo do policial que os interpelassem. Depois, bombardeada com editoriais de um grande jornal da cidade, que reclamava da constante depredação a que a USP vinha sendo submetida, e a pedido da Prefeitura Universitária, a Polícia resolveu fechar a cidade universitária nas noites do fim de semana. Numa falta de discernimento típica das corporações arbitrárias, plantou dezenas de policiais à entrada do Campus, um verdadeiro corredor polonês, de onde mesmo quem decisamente de qualquer incursão naquele seio cultural não escapava sem antes passar por uma inspeção em regra, o que no fim acontece com todo mundo, porque a ordem é não deixar entrar ninguém, a não ser velhinhos ou casais com filhos. E são centenas de carros que nos fins de semana se dirigem à USP, a maioria, logicamente de casais de namorados em busca de um cantinho, e se vêem assim, impeditidos de curtir o bem-bom que a cidade lhes nega. Os mais afetados, porém, são os moradores do Conjunto Residencial, que viram seu melhor bairro transformar-se numa enorme prisão, já que prá saírem pensam duas vezes, pois cada volta têm que enfrentar o longo congestionamento, se estão de carro, ou caminhar um bom pedaço, já que os ônibus fazem meia volta na entrada do Campus prejudicando inclusive moradores do bairro de Vila Indiana, que chegam mais próximos de suas casas via universidade.

Mas o pior está por vir, e vem, garantem os policiais: colocarão portões em todas as entradas, (aliás, só faltava principal, as outras já estão devidamente fechadas) só permitindo a entrada dos moradores (a maioria estrangeiros, ou pós-graduandos de outros estados, além de cerca de 70 que em novembro retomaram 2 andares do bloco A) que serão submetidos diariamente ao vexame de mostrar documentos para entrar em casa.

Ora, se duas perus do DSV circulassem pelas ruas do Campus evitariam que qualquer pé pesado metido a Fiti-paldi ousasse passar dos trinta ou es corregasse seu bólido na grama nos dias de chuva, e dois ou três camburões também circulando desestimulariam qualquer outro tipo de depredação ou assalto aos usuários, e a Cidade Universitária poderia perfeitamente ser a grande praça que nos roubaram.

Sérgio de Oliveira

melódica, nova forma
de apresentar, e o narrador
não podia ser, aquela é
sua antiga namoradi-
na... Ela era apenas, ela era
uma voz de soprano - Vânia e Suza-
na - num perfeito uníssono: "ela
era caixa num supermercado. Todo
dia ela só, só apertava os botões
e aquelas máquinas cantavam..."

É o irreal transformado em mu-
sica de vanguarda: conjunto poesia
textos (ai, esses quadrinhos de nos-

ra melódica dodecatônica, que con-
grega ritmos loucos, risos irôni-
cos, ejaculações dançantes sob um
clima de intensa sátira criado pe-
lo autor.

Ah! Ele pede pra não esquecer
da banda. Não que seja um ato de
estrelismo no brilhar isolado a o-
cupar totalmente o espaço celeste
da música, mas a "Banda Sabor de
Veneno" tem um swing, um quarteto
de metais, outro de base, teclados
que uma noite seria pouco para ou-
vi-los: que swing, que swing...
O verdadeiro swing nefelibático
que leva, principalmente a moçadi-

vanguarda musical emanada do erudi-
tismo dodecafônico, pululante tan-
to nas idéias, como nos ágeis movi-
mentos de corpo ao ritmo de um som
orgástico dançante, a explodir la-
vas de contentamento e tesão até
o final de cada seção; sem com is-
so des ou comprometer-se, direta
ou indiretamente, com o mais novo
e talvez único marginal contemporâ-
neo da "música pra pular brasilei-
ra", ou nas palavras de Rita Lee
a MPP - Música Popular do Planeta.

Luispreto Mandas

15

minh' a

luc' nada

em

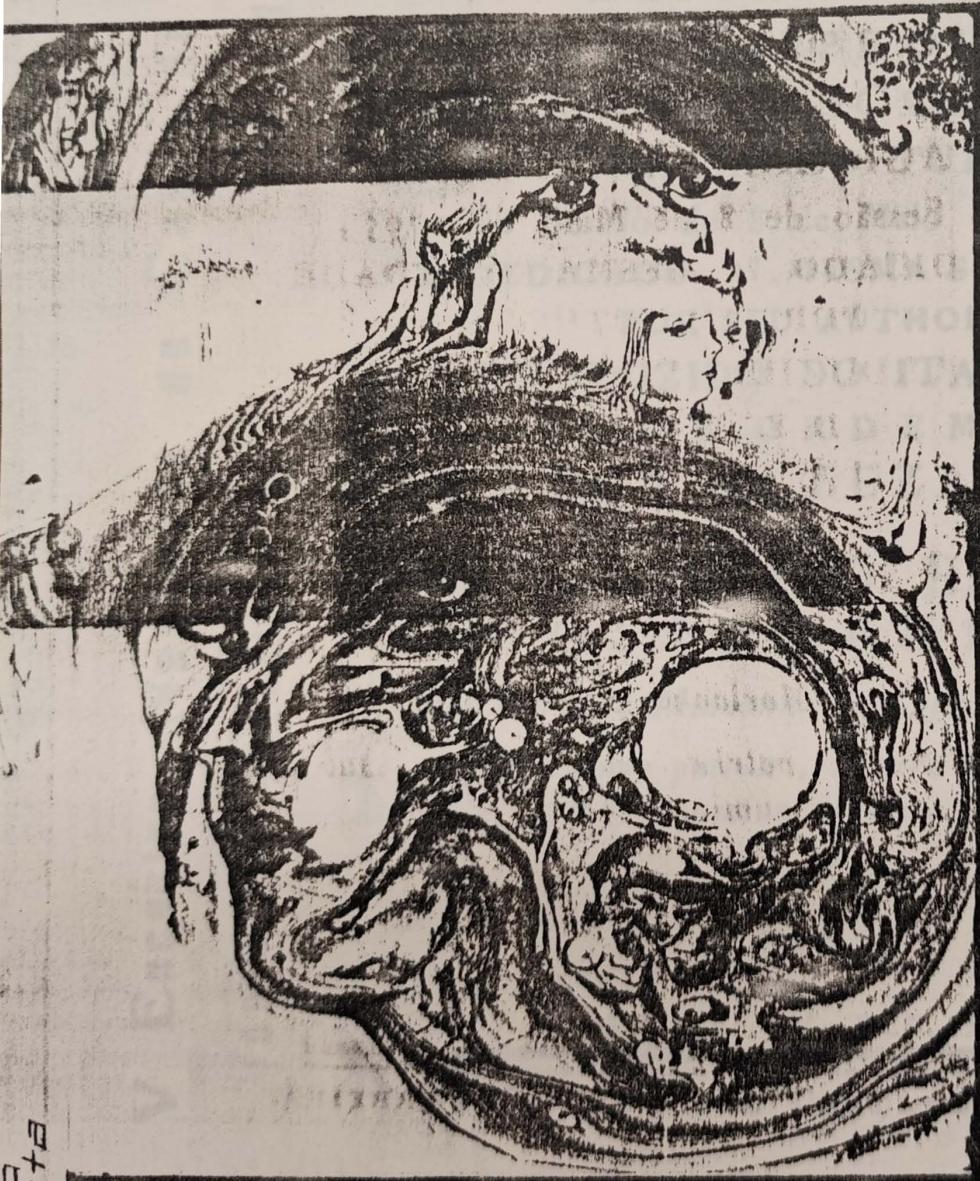
diamantes

cintilantes

de

*ouca
senha*

dancante



CONTRIBUIÇÕES ANTIGAS A FAVOR DO CÂNHAMO OU MACONHA

DISCURSO PRÁTICO
A' CERCA DA CULTURA,
MACERAÇÃO, E PREPARAÇÃO
DO
CÂNHAMO,
LIDO E APPROVADO
PELA REAL SOCIEDADE
AGRARIA DE TURIM,
Na Sessão de 8 de Maio de 1795,
E DEDICADO A' MESMA SOCIEDADE
POR SEU AUTHOR.

TRADUZIDO DO ITALIANO
DE ORDEM
DE SUA ALTEZA REAL
PRÍNCIPE D' O BRAZIL,
NOSSO SENHOR

Por Fr. José Marianno da Conceição Velloso
*Jubet amor patriæ, natura juvat, sub
numine crescit.*



LISBOA. M. DCC. XCIX.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Malucos Pedem PASSAGEM!!!

Imaginem só! Um debate realizado na sala 105 da Ciências Sociais, reuniu mais de 300 "malucos", "loucos", "maco-nheiros" (como queiram), num dia de chuva. E sabem sobre o que eles discutiam, não? "DESCRIMINALIZAÇÃO DA MACONHA". É, é isso mesmo..., numa cobertura de Júlio Cesar Rodrigues, enviado especial do JORNAL DO CRUSP ao debate.

Cresce este grande gigante a dormecido que se chama Movimento das Massas, no Brasil. Com fôlego de surpreender, vários movimentos políticos surgiram, em nosso país, como o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminização Racial que, inclusive, já realizou duas grandes manifestações de rua, denunciando a ideologia que se esconde por trás do 13 de Maio e a tal da 'democracia racial'. Da mesma forma, o Movimento Ecológico ganha força e tem na luta contra as usinas nucleares e contra a devastação da Amazônia, as suas bandeiras centrais. Os homossexuais reivindicam o reconhecimento do seu espaço social. As feministas fazem em encampar a luta pela legalização do aborto. Os índios, com amplo apoio social, denunciaram a falsa emancipação a que quer submetê-los o governo, além de em alguns casos recorrerem às armas para defender suas terras.

É no espaço aberto por todo esse movimento, tendo como força propulsora as greves por reivindicação salarial e autonomia sindical que poderá surgir em nosso país, um Movimento pela Desriminalização da Maconha.

O DEBATE

Num dia de chuva, bandos de cãebeludos invadem o prédio da Sesi, no setor vermelho. Todos meio correndo. Estava começando o "DEBATE COM ESPECIALISTAS NO ASSUNTO", sobre a DESCRIMINALIZAÇÃO DA MACONHA. Sala 105 lotada, como não acontecia há quase dois anos, na USP.

O cara do Cultural do CAF abre o debate apresentando os convivas. De saída, Jorge Mautnermece com o plenário, ao se referir a dinâmica do evento: "Sem essa de se inscrever pra falar. O ideal seria que todos falassem quando desse vontade, sem medo de dizer besteiras".

O poeta e psiquiatra Jamil Haddad declara ser a legalização ou descriminalização da maconha "uma questão de Poder" e que "deve ser tratada politicamente". O deputado estadual João Batista Braga que é também psiquiatra clínico, deixou os loucos mais numa boa, declarando que "a canabis não faz mal algum, nenhuma dependência física. Muito pelo contrário, deixa o indivíduo sensível, com alta capacidade de percepção, além de bastante criativo".

Atualmente em nosso país, segundo estatísticas, são consumidas cinco toneladas diárias da canabis, o que em picho (\$) equivaleria a 25 mil/dia e 600 mil/mes. Uma enorme máfia controla o tráfico do fumo, com o pleno conhecimento das autoridades. Porém, os únicos a sofrer as consequências são os que fumam. A legislação (caduca, para a maioria dos juristas) proíbe o tráfico, o porte e consumo. Mas, 20% da população utiliza-se da erva.

A DESCRIMINALIZAÇÃO

"Dai porque só uma intensa campanha pela descriminalização da maconha ajudará resolver o problema, apenas em parte", declara Mautner. E foi justamente com o objetivo disso que o debate foi organizado. "O que se quer é criar um movimento pela conscientização do maconheiro, não só no sentido político da coisa, como para ele saber defender-se em caso de repressão, ao uso da erva, declara Alex do Jornal Repórter.

Para Júlio, um dos participantes do debate, "a discussão sobre a descriminalização da canabis possibilitaria introduzir uma nova forma de se abo-

rdar e fazer política. Ela viria trazer uma discussão que fatalmente, se chocaria com a moral vigente, dando a questão do fumo, um poder de contestação, do sistema, da forma do governo, sem precedentes".

Por que o sistema não libera o fumo? Porque não quer e, principalmente, fugiria ao seu controle o número de fumantes. Ele não quer por que as múltis da bebida e do cigarro, não querem, como nos States. Ou seja, não há uma política econômica, por parte do Estado, para o assunto, daí porque o governo não é o primeiro a tomar a iniciativa da legalização, mesmo que parcial. Até os próprios traficantes não querem a liberação da erva. Isso por motivos óbvios!

O deputado Breda vai propor ao governo uma moção pela des-criminalização da maconha, baseando-se no mesmo argumento usado no Canadá, e num documento que Carter apresentou ao Congresso, pedindo a descriminação da canabis.

Porém, segundo Breda, "a moção não passará da mesa da secretaria-do-secretário-do-ministro, mas vou propor para abrir o debate público sobre o assunto. Na Itália, as minorias e, entre elas os maconheiros, elegeram representantes ao Parlamento. Os deputados do Partido Radical concretizaram aquilo que chamam de 'desobediência civil' ao fumar em frente às câmeras de TV no Parlamento, a canabis. No Canadá e em parte dos Estados Unidos e alguns países europeus maconha, maconheiros, não é caso de polícia. Ou é via Ministério da Saúde, Educação, Indústria e Comércio que se resolve o assunto; ou "qualquer outro, menos polícia.

A Organização

O Brasil é um dos maiores produtores de canabis, no mundo. Bahia, Maranhão, Alagoas, Paraíba, Rio e São Paulo, os maiores plantadores da erva. Há cidades que vivem somente do dinheiro arrecadado com o comé-

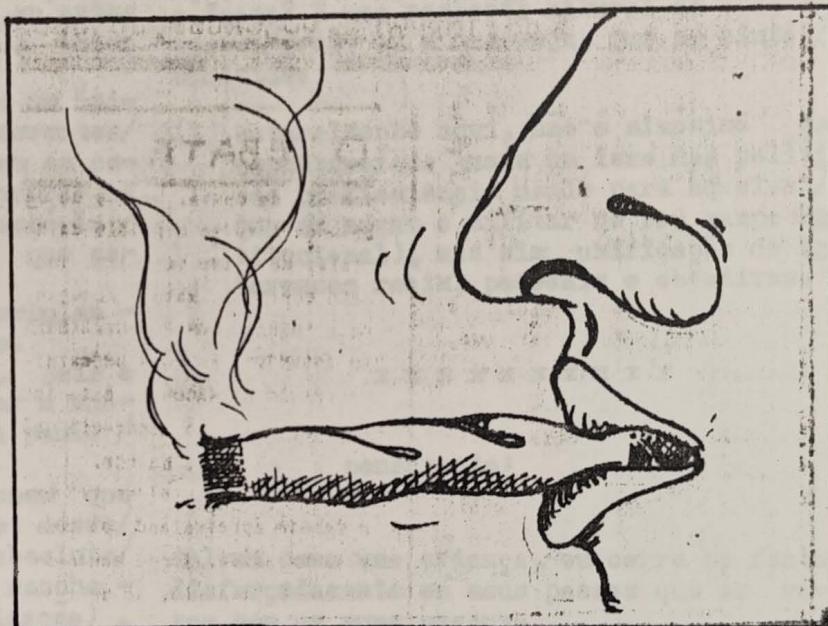
cio dela. Em Pernambuco, temos o caso de Belém do São Francisco, cidade com 60 mil moradores, que vive única e exclusivamente do tutu arrecadado com a erva. Vez que outra a PF bate por lá.

E tudo é resolvido na base do "molha minha mão aqui que eu não vejo nada aí".

Para que possamos lutar contra a corrupção; Para que a maconha esteja no nosso controle (coletivizada) e não nas mãos daqueles que querem utilizá-la para ter controle sobre nós é que precisamos e devemos nos ORGANIZAR. Daí porque se tirou no debate uma reunião daqueles que querem levar adiante o Mo-

ção do fumo. Eles também se reunir em praças e lugares públicos em bandos, para fumar (as vezes pinta repressão). Junto com eles, a "Home Grown" (Plantando em Casa) constitui-se na maior organização que luta pela legalização da canabis, sendo que eles editam um revista com o mesmo nome da grupo, com amplo noticiário sobre o assunto "drogas em geral".

Aí no Brasil, certamente cedo para fazer tais coisas. Mas se começarmos a nos mexer agora, num futuro próximo (quem sabe) poderemos espalhar o cheiro do baseado, publicamente sem repressão.



vimento pela descriminação da Maconha. Esse encontro aconteceu na sede do Jornal Repórter e algumas providências já estão sendo encaminhadas.

Dia 8 de julho será a próxima reunião do grupo que se encarregou de viabilizar debates, sobre a maconha, na 2a. quinzena de agosto.

Desde já, a Lei 6.368 de 21/10/66 do jurista Mena Barreto (o cara é reação, pacas!) que regulamenta a legislação sobre tóxicos, coloca-se como nosso principal obstáculo. Ela é de 76, mas parece ter séculos.

Na Inglaterra há os "Smokes Bears" (Ursos Cinzentos ou Ursos Fumantes), um grupo enorme que luta diretamente pela legaliza-

A REVOLUÇÃO

Como falou Jorge Mautner, a questão do fumo vai trazer a tona todo aquele papo sobre Revolução Cultural, sobre a revolução na cabeça do homem. Pois de nada adianta a gente mudar a estrutura, sem transformar conjuntamente a superestrutura (o mundo das idéias) e vice-versa.

Parodiando o Bixo, do jornal "O Trabalho", digo que "os problemas do indivíduo e da sociedade somente se resolverão com a Revolução Social das Massas". Porém, esqueceu-se ele de completar: "...essa revolução é política, cultural, econômica,

COMO PELA MORTE DA POLÍTICA TRADICIONAL
MORRERÃO OS POLÍTICOS PROFISSIONAIS OU DE
UMA RECÍPROCA QUE É VERDADEIRA

a questão sempre fei de construir um novo tede: mais, sem dúvida muito mais do que destruir um passado a qual, afinal, ainda estamos presos.

e que se quer mudar, e quere, são os caminhos, transformar tradicionais esperanças, velhos ideais, frente a uma realidade que chama para si a transformAÇÃO, essa sememente adubada pela publicidade da sociedade / de classes, da exploração, mas que flerisce naturalmente a cada nova relação que estabelecemos (1).

parece-me peis, que gerar novas relações / no mundo das coisas e de espirito, ou antes espiritualizando as coisas, seja o unico caminhe.

mas tememos cuidado, peis falar de um único caminhe aqui e precurar nos diferentes/ caminhos um campe onde todos possam se estabelecer em harmonia. é como precurar a pessia entre todas as palavras e acha-la / nos caminhos mesmos de cada poeta que somos/cada pessia que fazemos.

e somos poetas na harmonia e na turbulênci暴力 de teda transformações.

mas novamente voltamos ao circule, peis e transformar-se e tambem transformar o mundo, como brilhantemente nos afirma paulo / freire.

desde a criança que fomes até o homem que hoje somos, o mundo transformou-se; desde/ a nessa interieridade ate a mais absoluta/ objetividade (para além mesmo das manches / tes diárias das veículos de comunicação), nos nos transformamos, transformando o mundo de uma forma ou de outra - numa metalim guagem de especições a um mundo dade.

a exploração sempre existiu e ainda persiste, mas as relações onde se efetuam essa "mais valia", essas estao a mudar e a luta contra um outro "único caminhe"-difundido/ disfarçadamente na multiplicidade da sociedade de consumo e afirmado massivamente na sociedade totalitária, que persiste ainda nas palavras des que buscam esse campe da harmonia sem vivenciar a violencia criativa de teda contestações se medus vivendi / contemperante, se faz necessaria, entelegicamente, no ser de cada transformação, de cada precura, de cada caminhe.

sem o "em si" de cada transformação/precura/caminhe, não atingiremos o "para si" da sociedade.

e não me venham com o pape da vitoria d

de bem na batalha com o mal, premissa fatalista de tempos outros.

a batalha final de bem e de mal não é um romance, tampece um drama, mas com certeza de grande cemicidade.

a tendencia de nesse pensamento educado na sociedade (bancária) da competição - p.e./ a luta pelo poder de dce ou pelo poder sis plemento - é a dualidade: bem e mal, justiça e injustiça, ganhador/perdedor, autoridade/não autoridade etc etc etc

falar de bem e de mal é lançar uma profunda crítica ao dualismo fatalista das lógicas cristã occidental/marxista oriental que pregam, uma e teda "per vir" que é o paraiso, e outra e teda "per fazer" que é o estatismo igualizante.

não se destruirá a dualidade de teda "per vir/teda "per fazer", sem atingirmos ja em cada transformação, em cada luta, um golpe fatal contra a opressão, ou seja em cada / ação e prazer e liberdade.

e "como" é uma resposta natural de cada / pessoa/grupo ou o que seja, que se sinta / oprimido.

(1) naturalmente aqui, não é sinônimo de espiritualismo (mais um ismo das polícias profissionais usado para aqueles que se negam a militar no seu campo institucional), mas sim unificação de interesses reais, pessoais e objetivos.

19

pensamento:

talvez como uma criança, ou corra na festa disfarçadamente em meus passos que as vezes nam um rumo precura.

mas em estou procurando alguns elhes, ceras restes, corpos, senhos, no meio de salão.

a realidade transcende-se a si mesma.

é difícil não fazer uma transferencia para um real qualquer, um real que transcende o real na abstração de cada um.

mas a abstração é uma realidade, queiramos ou não.

as águas de março passam
mas os seixos permanecem
arranhando nossa pele
sangrando nossas lembranças

tab/30

